2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 46. QUINTA FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Industria Nacional.

Os operarios e as horas do trabalho.

> ... il était donc utile que des hommes calmes, raisonnables, amis de la justice, et tout-à-fait désinteressés dans la question, intervinssent et disent aux deux parties la vérité avec courage et sincérité.
>
> Julien Blanc—*La Grève des Charpentiers en* 1845.

748 Haverá pouco mais de um mez que temos noticia de algumas desintelligencias entre os operarios e os fabricantes de Lisboa. Ultimamente estas desintelligencias tomaram corpo, e, transformadas no principio de uma questão importante, exigem que a imprensa lhe preste muita consideração. As suas causas são differentes, e deixaremos de tractar hoje das que se não referem ás fabricas que trabalham em ferro: apenas as mencionaremos para completar a exposição dos factos, que o presente artigo deve comprehender.

Os polidores e marceneiros que trabalhavam por jornal quizeram augmento de salario. Deve notar-se que em ambos os officios o salario tem descido, porque a *marcenaria*, ao passo que tem aperfeiçoado consideravelmente as suas obras, tem espantosamente augmentado a producção. Fóra de Lisboa a procura d'este producto seria grande por um preço rasoavel, se lá podesse chegar.

Póde dizer-se que as provincias estão por mobilar, mas a difficuldade das communicações, a imperfeição e carestia do transporte impedem esta sahida ao genero que, empatado nos armazens, prejudica os operarios. Já se vê que a causa de taes desintelligencias está muito acima das circumstancias particulares da industria.

Finda, ou quasi finda, a desintelligencia dos marceneiros e polidores, houve em um estaleiro da *outra banda* do Tejo uma manifestação da parte dos carpinteiros, que não queriam *furar*, por isso que este trabalho era da competencia dos calafates. O escudo que estas classes acham na organisação defeituosa do Arsenal da Marinha fez com que não fosse discutida a sua exigencia, e os carpinteiros passaram d'esse para outro navio.

No dia 10 a questão das horas de trabalho declarou-se nas fabricas da Boa-Vista. Começou pelos ferreiros, aos quaes se ligaram os serralheiros e torneiros.

É pratica antiga começar os serões no dia de Nossa Senhora da Luz, e prolonga-los até ás 8 horas da noite: só para os torneiros começava no dia de S. Francisco. O trabalho principiava ao nascer do sol; e no primeiro dia de serão era tambem pratica o serem os operarios dispensados d'elle.

No dia 10, ao cerrar da noite, uns 30 homens, sahidos da fabrica Vulcano, se dirigiram para a fabrica Phenix, da qual os operarios estavam sahindo em consequencia do uso a que já nos referimos. Depois o grupo, augmentado, caminhou para a fabrica do Sr. Collares, e d'ahi sahiram tambem os operarios.

No dia 11 compareceram em algumas officinas; mas na fabrica Phenix, ao accender as luzes para o serão, todos sahiram sem proferir palavra, e como se fossem um só homem. Em todos estes factos é para admirar não só o segredo que anteriormente houve a seu respeito, mas tambem a união com que se effectuaram.

Em quasi todas as serralharias de Lisboa se praticou o mesmo.

Eis-aqui a simples historia do que aconteceu, e que nós temos obrigação moral de analysar.

O desenvolvimento da nossa industria fabril é um dos preceitos da nossa lei; sem este desenvolvimento, sabiamente dirigido, não acreditamos em melhoramentos do paiz. Não é a primeira vez que francamente apresentamos esta opinião.

A Revista, para advogar e melhorar como deve a nossa agricultura, tem que ser um jornal da industria.

É possivel que não tenhamos força para desempenhar esta missão; mas trabalharemos sempre para o alcançar.

A nossa vida industrial começa apenas.

As questões são graves, e podem crescer como o temporal annunciado por ligeira nuvem, que depois açoita enfurecido os campos por onde passa.

As grandes desgraças industriaes da França, os er

ros fataes das más leis sobre industria, tiveram como prologo a crise dos carpinteiros de París em 1845; e antes d'ella, como diz *Julien Blanc*, o seu mais fiel historiador, nenhum facto identico se havia registado nas memorias do passado.

A crise dos carpinteiros significava a exigencia de quatro mil homens, feita em uma das mais populosas cidades da Europa, e a crise dos serralheiros em Lisboa é uma exigencia de 400 a 500 homens em uma das capitaes menos povoadas.

Não queremos fazer parallelos, mas cumpre-nos dizer o que sabemos.

A imprensa tem ante si esta questão; o seu dever é tracta-la com prudencia mas sem favor, com justiça mas sem contemplações.

Entre o capital e trabalho está a nação, entre o fabricante e o operario estão os consummidores.

Os interesses do paiz são os interesses geraes; se estes padecem, o fabricante ha de falir, e o operario morrer de fome. É d'este ponto que nós queremos examinar a questão.

A industria fabril é uma das nossas taboas de salvação em o naufragio que cerca a náu do Estado. Desde as pautas, que a industria fabril nos custa uma avultada contribuição: temos-lhe dado o fructo de muito trabalho para crearmos um meio de fazer valer a nossa producção agricola, e para, com repetidas permutações, concedermos vigor ao nosso abatido commercio.

Hoje não podemos ver sem pesar que se matem estas esperanças, e que se trabalhe para diminuir o desenvolvimento da industria encarecendo mais os seus productos.

Se os operarios forem causa de tal facto, cavarão a sepultura pelas proprias mãos.

Para evitar tão grave calamidade, diremos aos fabricantes e operarios a verdade como a nossa rasão a vê.

Somos pessoalmente desinteressados na questão, e empregamos toda a nossa vontade para sermos rasoaveis.

Se nos perguntam — De que lado estaes? — respondemos — Somos do partido da nação — não julgamos que entre os operarios e os fabricantes possa haver opposição, porque os interesses que os ligam asseguram a estabilidade da sua união.

A nossa affeição é toda pelos operarios; sem os lisonjear, já mais de uma vez temos tido a honra de lhes fazer justiça. O interesse que a sua posição e o seu futuro nos merecem obrigaram-nos a escrever este artigo.

Para esclarecer o ponto de que se tracta não serão inuteis alguns esclarecimentos ácerca do prospero estado da industria do ferro, e da alta de salarios que a tem acompanhado.

Os trabalhos sobre metaes foram sempre violentos, mas haverá 50 annos chegára o excesso de trabalho a ponto, que este começava ás 4 horas da manhã e acabava ás 10 horas da noite. Era por tal modo que duramente se regulavam as horas do trabalho para os serralheiros, ferreiros e caldeireiros. E para completar a infeliz posição dos operarios, convirá observar que então não se importava em Portugal o cobre em laminas, e era fundido e malhado nas officinas, sendo este pesado trabalho sempre feito nas madrugadas e nos serões.

Ao presente o trabalho começava ao nascer do sol, e durava de *sol a sol* em quanto não começavam os serões, que duravam até ás 8 horas. O salario augmentou, principalmente ha cinco annos, e isto ao passo que os productos desceram de preço.

Os operarios que, ha cinco annos, ganhavam por dia 400 réis, ganham agora 600 e 650, e alguns 1$100 rs.

Ha cinco annos o ferro forjado em obra vendia-se a 200 rs. o arratel, e ao presente vende-se a 100 rs.: por esse tempo as fabricas compravam o ferro fundido por 120 rs., e ao presente vende-se a 50 rs.

Um só facto explica este resultado: o consumo dos productos tem augmentado, e a ponto que as fabricas todas tinham muitas obras encommendadas quando houve o desgraçado acontecimento de que demos noticia.

A exigencia dos operarios assenta no desejo natural que tem o homem de tornar menos penoso o trabalho; mas elles devem considerar que se fosse ávante em toda a extensão, as obras subiriam de preço, em alguns casos; 18 por cento, os compradores faltariam, e os productos estrangeiros poderiam vir ao mercado supplantar os seus productos.

O maior amigo do operario é o fabricante, e o maior amigo do fabricante é o operario. Lamentamos que alguns interessados no conflicto desconheçam esta verdade.

Reprovâmos a doutrina que adopta a intervenção do Governo n'estes conflictos. Em Portugal ninguem dá um passo no caminho da civilisação sem chamar pelo Governo. É d'este máu costume que provéem os erros, que de ambas as partes se teem commettido, e que teem retardado a solução da questão.

O conflicto póde acabar sem que ceda uma ou outra parte. Os operarios meditando em que a sua exigencia não póde vigorar sem prejuizo seu e das fabricas, devem voltar ao trabalho.

Os fabricantes, acabando com a pratica absurda, das horas de trabalho serem de sol a sol, podem reconsiderar os calculos em que assenta a producção das suas fabricas, e regular assim o trabalho baseado no unico principio que o dirige.

Temos conhecimento da seguinte tabella, organisada por esta fórma:

De 1 de Abril a 30 de Setembro		*Horas de entrada*	*Horas de sahida*	*Horas da trabalho*	*Horas de almoço*	*Horas de jantar*
Um dia.	1.º quarto . . .	5½	8½	3	½	»
	2.º dito	9	12	3	»	1
	3.º dito	1	4	3	»	»
	4.º dito	4	7	3	»	»
				12		

De 1 de Outubro a 31 de Março						
Um dia.	1.º quarto . . .	7	$9\frac{1}{2}$	$2\frac{1}{2}$	$\frac{1}{2}$	»
	2.º dito	10	$12\frac{1}{2}$	$2\frac{1}{2}$	»	1
	3.º dito	$1\frac{1}{2}$	$4\frac{1}{2}$	3	»	»
	4.º dito	$4\frac{1}{2}$	7	$2\frac{1}{2}$	»	»
				$10\frac{1}{2}$		

Sabemos que este regulamento de horas seria adoptado nas fabricas: é para admirar que os operarios o recusassem em uma d'ellas.

Como grandemente interessados na sua sorte, lhes aconselhâmos que o acceitem, porque elle demonstra que os fabricantes lhes são affeiçoados. Á sua recusa só póde seguir-se uma coisa — é o fecharem-se as fabricas.

Este facto é uma calamidade para a nação, e uma desgraça para os operarios; os soccorros, com que estão contando, hão de converter-se em fome e desespero; e se não quizerem pedir esmola, terão de pedir trabalho pelo preço e pelo tempo que lhe concederem.

Todas estas consequencias se evitam, se os operarios ouvirem os conselhos de todos os seus verdadeiros amigos, e se acabarem com as antipathias, que a sua pertinacia poderá consideravelmente augmentar muito em seu prejuizo.

O que mais interessa, o que nós recommendâmos aos fabricantes e operarios, é que não recorram ao Governo para um assumpto, em que nenhum governo do mundo póde influir.

Modo de alcançar estrume com pouco trabalho.

749 Em Agosto ou Setembro faz-se uma grande cova, e deita-se-lhe dentro umas dez padiolas de boa terra, e outras tantas de casca de carvalho. Rega-se até que tudo fique bem humedecido. Depois deita-se sobre esta preparação uma porção egual de hervas do campo de toda a qualidade; e por cima de tudo lancem-se umas vinte padiolas de terra, que esteja semeada de relva, e regue-se.

Em poucos dias começa a fermentação, aquecendo fortemente a camada superior. Convém então, por meio de uma grande vara, mecher tudo. Quando o calor cessar, é signal de que o estrume se acha prompto e capaz de se lançar á terra.

Esta especie de estrume é boa para os terrenos ligeiros, areentos e quentes.

* *

Mormo.

750 Lemos no *Moniteur Industriel*:

M. Donarieix, veterinario, acaba de dirigir á *Sociedade nacional e central veterinaria* uma memoria, que serve para demonstrar que o mormo do cavallo é contagioso. O auctor apoia a sua opinião em um grande numero de factos observados por elle. «Logo que esta molestia — diz o auctor da memoria — apparece na cavalhariça, ataca todos os animaes, que alli estão, exceptuando os que forem muito velhos; ao mesmo passo que não ataca os que, estando no mesmo edificio, e collocados nas mesmas condições hygienicas, se acham separados do contacto dos doentes.»

* *

PARTE LITTERARIA.

O ultimo amor.

V

751 Não pertendam que eu lhes descreva pela centesima vez uma *soirée*. Seria um empenho superior aos limites d'este romance. A parte exterior, o espectaculo, está de cór na cabeça de todos. A parte intima, o circulo das ligações e das intrigas de sociedade, é quasi impossivel de acompanhar-se na narração rapida e improvisada de uma *historieta* de coração

A *soirée* era em caza da marqueza de ***. Estava quasi no fim. As senhoras apinhavam-se na escada, á espera das carruagens. Os homens, accendendo os charutos, trocavam os seus ultimos olhares, e ensaiavam as derradeiras cortezias.

Eugenia achava-se finalmente n'um perigoso *tête-à-tête* com o Sr. L***. No fervor da confusão, produzida por aquellas rapidas despedidas, tinham podido fazer-se esquecidos n'um gabinete contiguo ás salas. Chegára o momento da explicação promettida.

A excitação moral, que succede a um baile, é inexplicavel de intensidade. As faculdades, avivadas pela vigilia, e os sentidos abrasados pelo perfume das flores, embalados pelo som confuso das derradeiras harmonias, transformam totalmente o individuo. É quando o pensamento reage contra todas as paixões da vida: sonham-se então glorias grandiosas, amores heroicos, e esplendidas esperanças. O horisonte da ambição alarga-se desmedidamente ao olhar cubiçoso do homem. É quando se davam, como exprime Victor Hugo n'uma das suas poesias, provincias por um beijo, e se offereciam reinos pelas delicias delirantes de uma noite.

— Ahi tem a sua carta, disse Eugenia com voz tremula e quasi imperceptivel: — não são as palavras de um homem que poderão desligar o que a religião uniu junto ao altares!... E deu-lhe a carta, que, dias antes, recebêra.

L*** não esperava um desfecho similhante. Allucinado pela paixão facticia, que as emoções do baile lhe haviam provocado, teve um d'aquelles rasgos de eloquencia sentimental, que imperam tão decisivamente nas organisações delicadas. Conheceu a sua força, e usou d'ella sem hesitação nem piedade. Nas naturezas duvidosas, que não possuem nem a energia

para serem completamente más, nem virtudes para se tornarem corajosamente boas, os principios não teem quasi influencia: n'essas almas inertes, a lucta é impossivel: acceitam as inspirações da vaidade, e cedem a toda a vivacidade das emoções artificiaes.

— Eu bem sei o poder que nos separa, e a força que nos desune! — disse elle com a voz abafada pela paixão; — é um homem, é esse homem que esmagou a sua vida, que a sacrificou ao egoismo de uma velhice prematura, e ás caricias d'um amor bastardo!... Não sabe o que lhe dizia n'essa carta?... Que não reconhecia direito para me arrancarem a felicidade, para condemnarem no berço o meu unico amor!... Acaso a mulher póde decidir da sua vontade, e dizer sem temor de blasphemia, que o seu amor ha de ser eterno. e que ha de ser inflexivel a sua obediencia?... E que crime commetti eu para acceitar um destino, para o qual não contribui, para sacrificar os meus affectos ás decisões tyrannicas d'uma instituição absurda?... Amo-a — amo-te, Eugenia, e já não ha principio que me faça morrer nos labios esta expansão involuntaria do meu sentimento!

— Oh! meu Deus, cale-se — cale-se! Sabe que poderei amaldiçoa-lo eu tambem, a elle, tão bom, tão franco, tão generoso!... Não — proseguiu ella, fazendo um esforço — estimo-o como um pae, amo-o, amo só a elle.

— Não — não é amor que sentis por elle; é o temor que o prende á sua alma, o temor d'esses preconceitos, a que o mundo chama deveres, e contra os quaes o coração se revolta! Sei o que tem soffrido n'essa lucta continua,; vejo-o na pallidez, e na tristeza que cobre o seu rosto, no sorriso melancholico e resignado que lhe apparece nos labios! O instincto do meu affecto não me engana — não me póde enganar: não o ama, porque a flor mimosa, que desabrocha entre ruinas, estremece a cada pedra que cahe, e que as aproxima da destruição total. Só eu te posso amar, porque só eu te pude comprehender! Não é a luz tremula d'uma pallida estrella que póde fazer despontar na campina o lyrio desterrado — são os fogos do coração, accesos pelo amor e pela mocidade!

— Cale-se — cala-te — disse Eugenia, exaltada pela paixão, e ao mesmo tempo subjugada pela rasão, que se defendia debilmente — não posso ouvir essas palavras — fazem-me mal ao coração! A minha vida não tem senão uma esperança... o tumulo!

— Não! não has de morrer assim, porque és minha, porque me pertences, porque a morte não tem poder para te arrancar da minha alma! O que nos aproximou um do outro não foi nem o acaso, nem as circumstancias vulgares da vida; foi a mão poderosa da fatalidade, foi a voz mysteriosa da Providencia. Para que hesitas? para que has de regar com lagrimas o caminho da felicidade? Não te appareci eu nos teus sonhos, como a tua imagem foi a perpetua inspiração dos meus?

— E meu marido — tornou ella, encostando ao peito de L*** com o rosto banhado de lagrimas. — Hei de pagar a sua affeição sincera com a deshonra... com a infamia!

L*** apertava-a n'um paroxismo nervoso d'essa paixão, que faz delirar os sentidos sem exaltar a alma.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continuar-se-ha.)

Visão.

A C....

752 Dorme o corpo, mas ardente
A minha alma vela e sente;
Dorme o corpo, e sinto a mente
De mim longe divagar;
Prende o somno os membros lassos,
Verga a fronte nos seus braços,
Porém vejo nos espaços
Visão magica passar.

Á luz fraca, descórada,
Que entre nevoa condensada
Lança a face prateada
Do luar na solidão,
Vejo um vulto recortando,
Da nevoa no corpo brando,
Vaga fórma, e vir voando
Nas azas da viração.

Já celeste creatura
Se m'antolha lá n'altura,
Qual um astro que fulgura
Nos céus perdido a vagar;
Já desfeito o nebuloso
Véu se rasga, e luminoso
Raio traça o pé mimoso
Pelas sombras a brilhar.

Traz com lindo, e nobre geito
As mãos postas sobre o peito;
Emballada em brando leito
De nuvens soltas no ar,
O ar corta adormentado,
Qual o Alcyon socegado,
Pela aragem balouçado,
Esvoaça á flor do mar.

A fronte, fronte de fada,
Traz no peito reclinada;
Traz da face immaculada
Sorriso d'anjo a pender;
Ondulosos movimentos
Do cabello solto aos ventos
Vem ás vezes por momentos
A linda face esconder.

Qual a neve, branca veste,
Branca e pura lhe reveste
O talhe, fórma celeste,
Moldada no céu por Deus;
E da briza o bafo incerto
Beija o collo descoberto,
Que rutila todo aberto
A meiga aragem dos céus.

Oh! serás tu, fada amiga,
Boa fada, que consiga
Que a desgraça não persiga
Mais esta alma sem vigor?
Ou delirio só creado
No meu peito apaixonado,
Ou então immaculado
Serás anjo do Senhor?

Eis de prompto o vento expira,
Morre a briza, que suspira,
Como a corda d'uma lyra,
Que fica solta a vibrar,
E largando o aereo polo,
Para a terra inclina o collo
Esse anjinho, que no solo
De mim junto vem pousar.

Radiante d'alegria
Alça a fronte que pendia;
Sobre mim... na terra fria
Pousa a vista angelical;
Ter nos labios o lampejo
D'um sorriso bemfazejo,
E soltar, em ancias, vejo
Este canto divinal:

«Invocaste o amor dos anjos,
«A teus rogos attendi,
«Larguei as azas doiradas,
«Humanas fórmas vesti.

«Pois de ser por ti amado
«Ninguem digno conheci:
«Só um anjo cá na terra
«Viver deve a par de ti.

«Então em gostoso laço
«A ti logo me prendi,
«E baixando sobre a terra,
«Viver venho a par de ti.

Assim falla, e de repente
Sopra a briza novamente;
Logo vejo-a docemente
Nos espaços remontar;
Suspensa nos céus divaga,
Depois... nos ares s'apaga
Qual na praia a mansa vaga
Sobre as arêas do mar.

Eis acordo... escuto... admiro...
Ardo em ancias, e deliro...
Fallar quero, e um suspiro
Vem nos labios expirar;
Suspiro dado á lembrança
D'esse anjinho de bonança,
Que me veio dar a esp'rança
De poder na terra amar.

Bemfica, 3 de Agosto de 1849.

CLAUDIO J. NUNES.

N.º 46.

Uma hora no meu quarto.

753 Não sei bem o que este titulo promette, ou o que poderão esperar d'elle os leitores e leitoras d'esta especie de composições: eu proprio não lh'o poderia de certo dizer agora. Escrevi-o antes de saber o que se lhe havia de seguir, e o mais que posso fazer-lhes é contar as rasões e circumstancias pelas quaes vim sentar-me, e começar esta conversação com vossas... excellencias — hoje ninguem tem menos. — Começo de longe; tenham paciencia.

Levantei-me ás 7 horas da manhã, e, feitos os indispensaveis arranjos de *toilette*, puz-me a caminho para a Ribeira-Nova, onde me esperava um barco servido por dois alegres e robustos algarvios: entrei para o barco com o meu criado, e um cão d'agua, seu companheiro inseparavel, chamado *armisticio*, que me começa a mostrar certos signaes d'affeição, nos quaes ao menos Deus consentiu que se podesse ter fé, já que se não póde ter nos dos homens, sem risco de ser vendido e revendido cem vezes por dia, como Christo foi pelo seu muito caro e estimado discipulo Judas, ou pelo menos abandonado e negado, como tambem aconteceu ao Redemptor por outro discipulo ainda mais querido, e que sempre era de melhor condição, como se veio a conhecer mais tarde.

Ora, acompanhado pelo meu criado, e levando comigo um cão, que é indifferente ter o nome de *armisticio* ou de *milord*, bem podia eu ir agora emprehender uma viagem, e vir depois conta-la com quantas mentiras a minha imaginação quizesse juntar ás verdades que por lá visse: podia ir ver Gibraltar, aquelle rochedo famoso, que accendeu a mente do padre Caldas, admirar com elle a embocadura do Mediterraneo, e ler alli sobre as ondas, entre as famosas columnas de Hercules, aquella ode magnifica, que nos deixou o mesmo reverendo na inimitavel carta ao seu amigo João de Deus Pires Ferreira, que é inquestionavelmente o primeiro folhetim que se escreveu em lingua portugueza; podia seguir por toda a costa de Hespanha, saudando de longe a mais original, e até certo ponto interessante, das rainhas da Europa, e o povo mais fuzillador, toireiro, bailarino, passeador, fumista, guerrilheiro, e apreciador do capote e do chocolate: ir mais ávante, e tocar nos portos da estimabilissima republica franceza, saudando tambem de longe aquelles grandes republicanos de París, a quem eu diria, se podesse, o que o lavrador disse ao ouvido da egoa = *quem te não conhecer que te compre, e saberá a prenda que leva*: = podia... podia correr o mundo todo, se Deus me désse vida, dinheiro e saude, e vir contar depois o que contam quasi todos os viajantes, que raras vezes deixam de ser eminentemente causticos e massadores: não o faço; vou apenas por esse solitario Tejo abaixo, onde deviam ancorar centos de navios, e cruzarem-se os vapores e os barcos para todos os lados, se isto estivesse em mãos de gente de juizo; vou pois, como ia dizendo, tomar o meu banho de mar aonde achar agua limpa, e praia sem pedras.

Levo comigo o segundo volume do *Monge de Cister*, do Sr. *Alexandre Herculano*. Abro ao acaso a paginas 172. É uma pequena dissertação a respeito da mulher ao desabrochar da vida, e mais tarde,

quando as paixões teem outros instinctos, diversas e mui differentes aspirações. Que me perdoe o meu erudito amigo, auctor d'aquella obra — não quero ler: — a mulher é indefinivel, cada qual é uma especialidade; e n'aquelles corpos frageis anda ás vezes escondida uma alma, que as mais subidas combinações philosophicas não podem analysar bem, quer em relação ás mais elevadas virtudes, quer aos vicios mais torpes, e á mais descarada perversidade. Abro no fim — é a vingança de Fr. Vasco — vingou-se de mais talvez; mas estava tão offendido, tinham-lhe cuspido tão atrozmente a infamia e o abandono, a elle que amava com todas as forças d'alma, como ama um portuguez verdadeiro quando chega a amar deveras, que não sei se eu proprio, bondoso e bonacheirão como sou por natureza... de certo que não sei o que o inferno me sopraria ao ouvido n'essa hora, mas havia ser sem duvida alguma coisa horrorosa, que não matasse, porém que atormentasse para sempre. Quem mata, não se vinga. E quem sabe? talvez me risse! Que vingança póde valer a mulher que zombou do meu affecto, que se deu a outro sem pudor nem vergonha, ou que veio dos braços d'elle cahir nos meus, com as tranças desgrenhadas d'outras mãos, com as faces polluidas de outros beijos, duas, tres mil vezes traidora e infame? Valerá um sorriso de desprezo? Nem isso. Fechemos o livro, e ao banho — são horas.

Não quero obrigar os leitores a assistir ao meu banho; é uma coisa prosaica, desde as caretas á entrada na agua até ao tremor de frio á sahida; não quero que vejam uma nem outra coisa, e menos uma certa meditação patriotica, em que fico sempre alguns minutos depois do banho, sentado na margem do rio a considerar como a natureza foi grande e sublime talhando estas margens, e mandando correr entre ellas um rio como este, e quanto nós somos pequeninos e liliputianos! Voltemos a Lisboa, e apaguemos o fogo patriotico. — De que serve ser patriota a quem não tem patria? E senão dizei-me — tendes cinco filhos? Fazei o primeiro militar, o segundo diplomatico, o terceiro official de secretaria, o quarto magistrado, e o quinto negociante: — o militar não terá soldo, o diplomata não receberá ordenado, o official de secretaria rebaterá o seu por menos de metade para comer, o magistrado sustentar-se-ha do que tiver de sua caza, e o negociante não achará negocio! Deixemos, deixemos estas considerações, e já a Lisboa... mas não, vejamos quem vem n'aquelle barco... são tres damas e um homem; vão rio abaixo, talvez para Pedroiços: se tivesse aqui o meu oculo, póde ser que as conhecesse; talvez fechando a mão como um oculo de theatro... lá fazem o mesmo do barco, uma das damas acena com um lenço — *adeus, boa viagem.* — Quem era? Não sei. — Quem quer que foi, receba aqui os meus agradecimentos. São perto de 10 horas — a Lisboa, e á vela: — deitei-me no barco, e dormitei até ao caes. D'um salto a caza.

São 11 e meia, estou fatigado do banho, vou-me deitar. Não é possivel dormir! Já me vieram acordar tres vezes, é forçoso levantar-me; mas que hei de eu fazer agora? Passear por essas ruas de Lisboa, sem destino, a ver quem passa? Mas se não passa ninguem?! Prefiro estar em caza, sósinho comigo mesmo.

Já me lembrou ler muito; ler livros de philosophia allemã, coisa que me prenda deveras a attenção, mas para que? De duas coisas tenho hoje sincero arrependimento, e vem a ser d'esse pouco que li, e das diligencias que fiz para conhecer os homens e o mundo. Uma e outra coisa me fizeram sahir d'aquella aureola doirada de poesia em que se nasce envolvido, para nunca mais lá voltar! Se não tivesse lido nada, se não podesse julgar os homens senão por mim, era muito mais feliz, cem mil vezes mais tranquillo. Não quero ler.

E meditar? Meditar é o maior tormento da vida: todo o meu trabalho é evitar que o meu espirito medite, que me venham á idéa todos os successos da minha vida, e todas as idéas negras, que cada qual traz fechadas no seu reservatorio: nada de meditar. Sabem lá o que é uma hora de meditação a sós comsigo mesmo para quem não traz a vida em calmaria permanente? Deus os livre d'esse flagello!

Vamos, vamos para a janella ver quem passa no Chiado. Dois jumentos com roupa, um preto, tres gallegos, uma velha, e um carro — com effeito, escolhi bem a occasião: estou satisfeito: não quero mais: vou-me sentar.

Tenho defronte de mim o retrato de Pio IX, o do meu velho amigo José Passos, o do Sr. Garrett, o do Duque de Palmella, de Silvestre Pinheiro, do Marquez de Pombal, do General Povoas, do Conde das Antas, e o do Sr. Rodrigo da Fonseca, e sobre differentes moveis os bustos de Camões, de Vasco da Gama, de Shakspeare, e de Monseigneur Affre, Arcebispo de París, morto sobre as barricadas.

Se não fosse por macaquear de *Maistre*, começava agora uma viagem no meu quarto, e havia dizer as rasões pelas quaes comprei, ou procurei alcançar cada um d'estes retratos. — Não quero. — Se eu dissesse tudo quanto me está acudindo á cabeça ácerca dos successos a que esses senhores presidiram, obstaram, dirigiram, ou de que, pelo menos, foram testimunhas, não acabava hoje — era a historia contemporanea inteira. — Só direi, que cada um d'elles tem para mim um motivo especial de consideração, e que me faltam alguns outros retratos, que lhes deviam estar fazendo companhia. Levantemo-nos. — Já não estou bem. — Começo a cahir outra vez em meditação, e meditação patriotica!

Mas eu hei de fazer alguma coisa? Em que hei de eu passar ao menos uma hora? Não quero ser; não quero meditar; não quero estar á janella; não tenho com quem conversar; e que tivesse, talvez me aborrecesse! Verdadeiramente isto é um tormento!

Vou-me sentar outra vez, mas agora ha de ser no meu quarto de cama, onde não ha retratos, onde estou bem só, bem só. — E por que não hei de eu escrever? Boa idéa — vou escrever. — Uns versos para o *Pharol*... um artigo em prosa para a Revista Univ..... é verdade; tudo isso está promettido, mas não é para hoje. Vou escrever só para mim: vou pôr n'um papel tudo quanto me tem passado pela cabeça n'esta hora.

Concebo, que cada um escreva para si, para a mulher que ama, para os seus filhos, para os seus ami-

gos; mas para o publico portuguez é inutil — o publico não lê; e se lê, não compra: o mister de escriptor em Portugal é como o dos empregados do Lazareto — é gratuito.

Aqui tudo é pequeno. Os jornaes teem duas pollegadas de comprido sobre meia de largura, e não podem ter mais, porque uma coisa chamada *pauta*, e outra coisa chamada *Fabrica da Abelheira*, lhe não permittem obter papel bom e barato, como ha em toda a parte: os assignantes são poucos, e muitos gratuitos; os redactores, se vivem só de escrever, será raro que possam ter a certeza de jantar todos os dias; os auctores de livros, se não procuram assignaturas anticipada e impertinentissimamente, vendem cinco exemplares; livreiros editores quasi não ha, e para maior infelicidade, chegado o livro ao Brasil, reimprime-se lá, e ás vezes ainda os exemplares da edição brasileira vem concorrer na Europa com os do auctor. O Brasil é, para os nossos livros, quasi como a Belgica para as obras francezas.

O que se escreve ordinariamente tambem Deus sabe como é. — Escreve-se prosa? Mesclada de quanto barbarismo a tolice traz aos bicos da penna do escriptor ignorante e presumido. Verso? Senhor Deus, misericordia! Faz-se critica? É verdade —

> Linda prosa, bellos versos
> São os d'aquelle Fulano! —
> Não sabes? Janto com elle
> Trezentas vezes por anno.

Critica de compadrice, ou de medo — de compadrice para os amigos, de medo para aquelles de quem o póde haver, para aquelles em cujas forças cabe subir á cadeira aonde indevidamente se foi empoleirar o critico, deita-lo d'ella abaixo, quebrar-lh'a, que é de cannas, e dar-lhe com os pedaços pela cara. Aborrece-me este assumpto. Que me importa a mim, ou a qualquer outra pessoa, essa critica? Acham que o mundo e a posteridade farão obra por isso? Enganam-se. Tolo e ignorante já eu ouvi chamar a um dos nossos primeiros poetas: os que ouviram, que eram muitos e entendidos, riram-se, e pediram a Deus mais alguns tolos e ignorantes como aquelle, e de menos alguns homens sabios e de juizo, como o censor. — Ainda assim isto tem muito honrosas excepções, nas quaes terão a bondade de se collocar todos os meus conhecidos e amigos, segundo o estylo, e mesmo os que, não o sendo, se sentirem acima d'estas humildes observações. Volto para a janella.

Passou uma carruagem magnifica: dentro ía um homem, que eu conheci ha poucos annos pobre, democrata furioso, e republicano exaltado: hoje é rico, fidalgo, commendador, e monarchista esturrado. Ha immensos assim. Em geral, democrata, que foge da sua classe, que não convive com os seus, que procura lançar-se de chofre n'uma sociedade que não é a sua, que aproveita toda a occasião para se introduzir em caza dos fidalgos, e para se mostrar muito seu familiar, é homem a quem Deus negou as duas qualidades da fortuna e da nobreza, para as não accumular com orgulho e vaidade sem limites. Envergonham-se do que são, e desdenham do que desejam parecer! Ridiculas, ridiculissimas creaturas! Pela primeira trapeira, que lhes ficar aberta, entraram para o templo das condecorações e dos titulos, e carregados d'esses signaes honorificos ou deshonrosos, segundo a pessoa e as causas, nem sequer percebem que são a mofa e escarneo de todos, e que ficam sendo os mesmos homens, apenas augmentada a estatura com um pedestal de ridiculo e de miseria.

O verdadeiro democrata não se lembra a cada hora da condição alheia — aprecia os homens pelo que elles valem perante a rasão, e a philosophia, e o accidente da fortuna, ou do nascimento nem lhe abranda, nem lhe enfurece o coração. Lamartine e Danton, Beranger e Mirabeau tem valor pela intelligencia, pelos pergaminhos, ou pela falta d'elles? Bem plebeu — se os ha em Portugal — é o auctor da *Pedreida*, o traductor do Camões em francez é duque, a *Henriqueida* é d'um fidalgo, o auctor do Affonso Africano talvez nem fosse cavalleiro.

O bom, e verdadeiro nobre, que a civilisação não repelle, antes abraça, e com elle medra, e se desenvolve, é aquelle que está convencido de quanto a sua posição social o obriga a ser bem educado, polido, decente, util á sociedade, e instruido segundo a sua fortuna lh'o consente — a este ninguem lhe póde querer mal.

Dos plebeus, que se cançam em recrutar amigos entre os nobres, e começam a crer que se lhes communicou essa qualidade pelo tracto, e confiança, renego eu como do diabo, porque são o que os francezes chamam *parvenús*, que é a raça de tolos máus mais insupportavel, que eu conheço.

Ha meio seculo que se falla contra a aristocracia: é tempo perdido — a aristocracia de sangue, como condição para governar, é uma tolice — é inutil combater contra esse moinho de vento — destruir o respeito, e consideração que o mundo presta aos filhos dos homens grandes, de preferencia aos que não conhece, é impossivel, por mais que trabalhem, e se cancem. Se o filho d'um dos mais encarniçados inimigos da aristocracia fosse menos considerado diante de seu pae, se lhe dissessem — *vá-se d'aqui, vá-se fazer notavel se quer que o estimem* — o que diria o papá, apesar de todas as idéas de nivelamento?

Sejamos francos — a aristocracia e a democracia são duas classes respeitaveis, e que estão trocando entre si os individuos quasi constantemente, e de cujo concurso reciproco, e simultaneo depende a paz, e a ordem publica. O verdadeiro democrata, o aristocrata sensato, são homens uteis, e virtuosos; o que se desvanece loucamente com o accidente de ter nascido nobre é um tolo nem mais nem menos, o *parvenú* é um velhaco, e um maroto, que o chicote de ridiculo costuma acordar d'aquelle santo sonho da Ilha Barataria, de que a sua filaucia o despachou Governador.

E aqui tem os meus queridos leitores como eu consumi uma hora no meu quarto. — Se não gostarem, tenham paciencia — não lhes tornarei a apparecer tão cedo. Eu passo muitas horas n'estas, e outras cogitações, mas rarissimas vezes me resolvo a escreve-las.

Este escripto não era destinado para a imprensa; porém uma pessoa, que eu respeito, e considero muito pelo seu talento, pela cultura do espirito, pelo acertado das suas opiniões litterarias, e a quem devo grandes e nunca esquecidas finezas, teve a bondade de o ler, e de me dizer que o fizesse publicar na Revista Universal, com as pequenas correcções que a sua amisade me quiz indicar — obedeci, e apenas lhe acrescentei uma ou outra palavra, com que a disposição do meu espirito talvez quiz trazer para o papel os meus pensamentos mais intimos.

15 de Setembro.

A. A. T. de Vasconcellos.

Abençoae-os!

754 Em casa pobre,
Sem andar nobre,
Contente vivo:
Não sou captivo.

É pequenino
O meu jardim:
Honra e pobreza
O tem assim.

Mas, n'esse espaço,
Assim escaço,
Ha fructo e flores
De varias cores.

Ha rôxo cacho
N'alta videira,
E loiros pomos
Na larangeira.

A espora, a rosa,
Qual mais formosa:
Rôxa verbena,
Branca assucena.

E o lindo cacto,
D'espinhos cheio...
(Quantas formosas
Os tem no seio!)

Não tem repuxo,
Tanques de luxo;
Nem d'esculptura
Alva figura.

Trabalhos d'arte
Um só não tem:
Se é pobre, embora,
Livre é tambem.

É meu retiro,
Onde suspiro;
O meu passeio,
O meu recreio.

Se alli meus filhos
Vejo saltar,
Vou ter com elles,
Pôr-me a brincar.

E os innocentes
Folgam contentes,
Gritando já:
«Ó meu papá!

Um pede cólo,
E dá-me um beijo,
Que julga paga
Do seu desejo.

Outro me diz:
«A flor de liz
Que linda está!
Dá-ma, papá?

Vão-se-lhe os olhos
Pela apanhar,
Mas não lhe meche
Sem eu mandar!

Diz o terceiro:
«Pedi primeiro
Um caracol!»
Põe-no ao sol;

Canta-lhe logo:
Sem mais demora,
Quer que os páusinhos
Deite de fóra.

Fico-os olhando
De quando em quando,
A tenra grei,
De quem sou rei.

E os deixo livres
No seu folguedo.
— Do mundo escravos
Serão bem cedo!

Ai! brinquem hoje,
Que o tempo foge;
E vem — coitados!
Negros cuidados.

Se hoje gosam
De liberdade,
Quando pensarem
Fugir-lhes ha de.

Por ora não:
Sem ambição,
É livre a mente
Do innocente.

Quando crescida,
Virão paixões,
A tyrannia
Dos corações.

Filhos, brincae:
Sou vosso pae;
Amigo vosso.
Negar não posso

A liberdade,
Eu, que a venero.
—Tenham, meus filhos,
O que eu ter quero.

— Gozo ineffavel,
Inexplicavel,
Sentia então
Meu coração.

E de meus olhos
Pranto corria,
Que, mudamente,
Ao céu erguia.

Votos ardentes
P'los innocentes...

— Ó vós, Senhor!
Que cheiro e côr
Destes á flôr:

Ao passarinho,
Dentro do ninho
O seu filhinho:

Á mariposa,
O ser formosa,
Voar ditosa:

Que o vil insecto
Fazeis dilecto
Do vosso affecto:

Oh! clara Luz!
Que não seduz,
Que nos conduz:

Certa guarida,
Que adoça a lida
Do mar da vida:

Dae-lha, Senhor!
— Do vosso amor
Terno penhor,

Sagrado hymno,
É o menino,
O pequenino.

Vêde-os fallando,
Vêde-os brincando...
Estão louvando

O Creador:
A vós, Senhor!

Vêde-os: — olhae...
Favor lhe dae,
E ao pobre pae,

E á terna mãe
Vida tambem,
Que a nós só tem!

Oh! Luz dos céus,
Benção de Deus,
Aos filhos meus!

J. da C. Cascaes.

Salomão de Caus.

(Continuado do n.º 43.)

755 O Cardeal, depois do que se passou, tornou a sentar-se, e por largo espaço meditou, sem proferir uma palavra.

No entanto direi, que reconheço nas pessoas, que me ouvem, o direito de me perguntarem o que é feito de Salomão. Eu, que tenho o defeito de responder a poucas perguntas, responderei antecipadamente a esta.

Emquanto Richelieu, Marion de Lorme, Particelli, e Diana pensavam em Salomão, elle amava com esse amor, que, no silencio da noite, queima a vida com as vigilias, e que durante o ruido do dia a engana com phantasticas esperanças. Entre Salomão e Marion de Lorme havia um anjo, que a dôr conduzia novamente pelas trevas do tumulo até á bemaventurança eterna.

Ha factos na vida, que sempre são um mysterio. Salomão, abandonando o amor de Diana, para loucamente se apaixonar por uma outra mulher, que o não amava, procedeu por fórma que só quem tenha trocado o amor de toda a vida pela curta illusão de poucos dias, lhe poderá comprehender as causas.

Marion de Lorme, desde o primeiro dia, em que viu Salomão, viu tambem todo o futuro d'aquella vida, que ella ía perder, para se distrahir do aborrecimento da sua existencia monotona de prazeres.

Salomão havia transformado, pelo seu genio e com as suas proprias mãos, a casa de Marion em um templo da arte. Assentou que a deidade, a quem dedicava os seus trabalhos, devia sempre estar no templo, e retratou Marion. Este retrato foi a sentença da morte de Diana, foi a sentença da sua perdição eterna. Um dia, ao acabar do retrato, suspende o trabalho, e fica por alguns momentos a olhar para o original.

Os olhos de Marion revelaram ao pintor o

que um dos maiores poetas lyricos da França escrevia muito mais tarde a seu respeito, quando disse:

. . . . . jamais ensemble on ne dut voir
Un voile et tant d'éclairs sous les cils d'un œil noir.

Salomão, aos pés de Marion, começou este dialogo:

— Porque me não amas como eu te amo? porque me não concedes ao menos a esperança?

— Porque me amas.

Salomão ergueu-se, levou uma das mãos aos cabellos, que lhe cahiam sobre os hombros:

— Dizes bem. Tambem Diana me ama, e eu... não a posso amar.

— Parecem-vos muito dois amores?

— Marion, não desprezeis o infortunio...

— Estou maravilhada, senhor architecto, de ver que perdeis a rasão, procurando meios de augmentar a força das vossas machinas, e não augmentardes o dominio do vosso coração, a ponto que ahi vivam as recordações de uns cabellos pretos e de outros loiros.

— Senhora, tende piedade de mim! — e novamente ajoelhou.

— Ainda não disse que não a tinha.

Marion, proferindo estas palavras, ía lançar a mão a uma riquissima campainha, que estava sobre o bofete que lhe ficava mais perto.

— Que fazeis, Marion?

— Condoo-me de ti — vou mandar-te para Bicètre (*).

A affronta não podia ser maior. Salomão, levantando-se, parou defronte do retrato. A sua obra estava tão perfeita, que lhe pareceu ver Marion surgir-lhe da tella, e rir-se do seu amor. Toma um pincel, e n'um momento corre com elle sobre o rosto do retrato.

— Vês, Marion? A tua lembrança não ha de levar mais tempo para me fugir do pensamento.

E apontou para o desfigurado retrato. Depois...

— Quem sabe, Salomão?

— Sei-o eu, senhora!

— Se tivesseis rasão, que podesse tanto...

Particelli, que tinha ouvido tudo, corrêra o reposteiro, e vinha já no meio da sala, quando Marion lhe disse:

(*) Era o hospital dos doidos.

— Acabaes de vêr: é como eu tinha dito — está com a rasão perfeitamente perdida.

— Sua Em.ª previniu tudo com esta ordem.

E ao soarem estas palavras no aposento, já alguns soldados seguravam o attonito Salomão, que levaram comsigo á força.

— Que me dizeis a isto, Marion? perguntou Particelli.

— Que tenho um amante de menos, e Bicètre um doido de mais.

(Continuar-se-ha.)

Historia do Direito Romano na Edade Media.

Por F. C. de Savigny, *traduzida do Allemão por M. Ch.* Guenoux.

V E ULTIMO.

756 A ultima parte da obra do nosso auctor é consagrada á historia litteraria, propriamente dita, do direito romano desde o começo do seculo XII até ao fim do seculo XV.

O Sr. Savigny observa, que se n'esta parte dos seus trabalhos não apresenta, quasi sempre, mais do que resultados negativos, deve levar-se em conta de utilidade a circumstancia, de que o fim de qualquer investigação historica não é só apresentar resultados definitivos, mas tambem servir de base e de ponto de partida para novas indagações.

Os jurisconsultos, que mais teem a peito os progressos da sciencia, com quanto não considerem, como inteiramente inutil, o estudo das opiniões dos auctores, pensam todavia que tudo deve referir-se ás fontes, aos codigos, aos depositos da legislação, e entendem ser um roubo, feito aos verdadeiros estudos, o tempo que se consagra á historia litteraria do direito.

No entanto, que se precisa para resolver as difficuldades particulares da sciencia? Que se precisa para conhecer os destinos da propria sciencia, desde a sua origem até aos nossos dias? A bibliographia responde á primeira pergunta — a historia litteraria á segunda.

Aquelle que traça a historia de uma sciencia, e emprehende indagar o caracter proprio d'uma epocha, póde ter por objecto dois fins: ou occupar-se dos descobrimentos particulares, que são como as conquistas de uma epocha, e dos quaes os seculos seguintes se apoderam, sem perderem a lembrança da sua origem; — ou estudar o caracter scientifico de cada epocha, e, por meio de feições e traços, que tira dos sabios celebres e das suas obras, recompor a sua phisionomia individual. Mas muitas vezes grandes revoluções somem e apagam o caracter scientifico de uma epocha, e até a sua lembrança se perde completamente; e no entanto, o conhecimento d'esse caracter seria fecundo em instrucção, porque cada

seculo tem o seu bom e o seu máu lado, e jámais o espirito scientifico brilhou em toda a sua pureza.

Se pois o nosso seculo podesse encontrar um bom encosto nas forças mais nobres dos seculos passados, veriamos por certo augmentar-se o seu poder, e multiplicarem-se os seus recursos. Quantas vezes não tem succedido, que um mestre, ou um escriptor da primeira ordem, vá desinvolver de repente uma intelligencia, que está em embrião, ou despertar, pela sympathia do seu talento, uma força, que dormitava, e se ignorava a si propria? Pois bem; esta feliz influencia, que se exercita de homem para homem, exercitar-se-hia tambem de seculo para seculo, se chegassemos a resuscitar os tempos passados, se chegassemos a receber a inspiração do seu genio e a animação da sua vida... Esta resurreição póde ser a obra da historia litteraria, profundamente estudada, por ser ella quem evoca da sepultura os tempos passados, e sabe dar um livre curso á acção das forças sympathicas. Assim pois, a historia litteraria tem a nobre missão não só de nos transmittir a gloria dos seculos passados, mas de estender á posteridade a influencia d'elles.

Tendo feito preceder esta justificação do seu trabalho, ou apologia da historia litteraria, passa o Sr. Savigny a escrever a biographia dos jurisconsultos mais celebres da edade média, desde o principio do seculo XII até aos fins do seculo XV, começando pela do celebre Irnerius, fundador da eschola de Bolonha. N'estas biographias esmerou-se o nosso auctor em apresentar não só o que ha de mais averiguado a respeito da historia de cada um dos jurisconsultos, senão tambem um catalogo critico de todas as suas obras, seu merecimento, e serviços prestados á sciencia; devendo observar-se que este grande trabalho suppõe uma leitura immensa de auctores e de documentos, e um esforço admiravel de critica.

Se não receasse alongar demasiadamente esta resumida noticia, teria o maior prazer em acompanhar o nosso auctor na sua sabia digressão; mas é já tempo de dar por concluido a meu trabalho.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

24 A 28 DE AGOSTO.

Diario n.º 202.

757 MAPPAS demonstrativos do encargo annual que resulta ao estado dos titulos de renda vitalicia.

Tabella dos emolumentos que são devidos pelos despachos de embarcações, e legalisação de documentos, nos consulados de Portugal no imperio do Brasil.

Dito n.º 203.

Aviso de que se achava já levantado o bloqueio, por parte da Dinamarca, de varios portos do Baltico.

Dito n.º 204.

Decreto supprimindo o logar de Administrador Geral dos expostos, e nomeando quem o deve substituir.

Outro regulando a execução da lei de 9 de Julho ultimo sobre a aposentação dos magistrados judiciaes e dos do Ministerio Publico.

Outro ordenando que as embarcações dinamarquezas gosem nas alfandegas portuguezas do favor concedido ás da nação mais favorecida.

Capella nova.

758 No Porto, na Praça de Santa Theresa, edificou o Sr. Thomaz Antonio de Araujo Lobo, junto ás cazas em que habita, uma linda e riquissima capella.

A 8 do corrente sagrou-se esta capella, que nos dizem ser um primor de gosto; celebrando-se uma missa cantada da composição do Sr. Canedo, excellente professor de musica.

* *

Thesouro para os pobres.

759 A EVANGELICA resolução, tomada pelo Summo Pontifice, para que o producto da subscripção aberta no paiz em seu favor, seja applicada aos pobres do logar em que se realisou, é digna de mui respeitoso louvor.

Entre tantos meios, que ha para realisar este pensamento christão, lembramos as desamparadas freiras, que por ahi morrem de fome, e a Associação Consoladora dos Afflictos, da qual tantas vezes temos tido a honra de fallar. Estamos persuadidos que a distribuição feita por esta Associação ha de ser mui bem applicada, porque basta ser a sua digna e zelosa Mesa composta:

Da Ex.ma Sr.a D. Maria Michelina Pereira Pinto, Presidente;

Ex.ma Sr.a Marqueza das Minas, Vice-Presidente;

Ex.ma Sr.a Marqueza do Fayal, Thesoureira;

Ex.ma Sr.a Viscondessa d'Asseca, D. Marianna, Secretaria;

Ex.ma Sr.a Condessa da Ribeira Grande, D. Anna, Secretaria.

Todas estas illustres e caridosas senhoras, e todas as associadas, que tem sido convidadas para soccorrer pessoalmente os pobres, se tem disvelado em cumprir a santa missão de que se encarregaram. A esmola nas suas mãos é uma dadiva do céu, que só vae soccorrer o afflicto.

Composição musica.

760 O DIRECTOR da banda de musica militar da Guarda Municipal do Porto, o Sr. Arroio, compoz uma excellente marcha funebre, que servirá para ser tocada no acompanhamento do corpo de S. M. El-rei Carlos Alberto para bórdo dos vapores.

Em uma carta do Porto lemos, que esta peça de musica é uma das melhores que se terá tocado no seu genero.

Folgâmos de publicar o merecimento artistico do

Sr. Arroio, de quem temos ouvido sempre fallar com elogio.

* *

Tentativas de assassinio.

761 Não sabemos a que devamos attribuir a espantosa narração de tentativas de assassinio, que se praticam no Doiro, por meio de armas de fogo.

Aqui um tiro mata um inimigo politico; acolá um homem espera aquelle que o offendeu, e por detraz de uma parede e a deshoras lhe desfecha covardemente um bacamarte; mais além um pae tenta assassinar aquelle que talvez viria a ser o marido de sua filha.

Contristamo-nos de véras de ver sempre narradas nos periodicos do Porto umas poucas de tentativas de assassinio cada semana: a nossa tristeza augmenta quando vemos, que isto se pratica em uma provincia rica, populosa e laboriosissima.

* *

COMMERCIO.

762

Cereaes em 19 de Setembro.

Trigo do reino rijo	de	340	a	420	réis	a bordo.
» » molle	de	410	a	450	»	»
» da ilha	de	340	a	390	»	»
Milho do reino	de	210	a	220	»	»
» da ilha	de	180	a	190	»	»
Cevada do reino	de	180	a	190	»	»
» da ilha	de	160	a	170	»	»
Centeio do reino	de	210	a	215	»	»

— Na praça de Londres, foram, em 6 de Setembro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		199	200	Por 100.
Consolidados	3 p. %	92½	92⅝	»
Redusidos	3 »	92⅝	92¾	»
Fundos	3¼ »	93⅛	94	»
Exchequer bills de Março		39	42	Premio.
» de Junho		—	—	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	87	89	Por 100.
Brasileiros	5 »	85	87	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	18	18¼	»
Ditos	3 »	34½	34¾	»
Hollandezes	5 »	85	86	»
Ditos	2½ »	54¼	55	»
Mexicanos	5 »	27¾	28	»
Portuguezes	4 »	28½	29⅞	»
Ditos consolid. 1841	—	27	28	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		
Russos	5 »	107	109	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		53			Por 1$000 rs.
Porto		53	53¼		»
Rio de Janeiro		25½	26		»
Bahia		—	—		—
Paris	25	60	25	65	»

Praça de Lisboa, 20 de Setembro. — Fundos publicos de 5 por cento 57. Acções do Banco de Portugal 460$000 a 462$000 réis. O agio das notas tem descido consideravelmente desde que o Governo tomou a resolução de não as trocar. Hoje já se fizeram compras a 1$380. Sobre a subida do valor das notas fica reservado para o proximo numero o artigo que n'este deviamos publicar.

— *Estado do mercado, em 19 de Setembro de 1849.*

Assucar de Pernambuco B 1$300 a 1$550 rs. Do Rio dito 1$300 a 1$400 rs. Da Bahia dito 1$250 a 1$400 rs. Mascavado novo 1$100 a 1$200 rs. Dito velho 850 a 1$000 rs. — Este artigo acha-se mui frouxo, tendo-se effectuado mui pequenas vendas mesmo para o consumo. Os possuidores sustentam os maiores preços, em virtude dos preços do Brasil não competirem com os preços do nosso mercado, que são inferiores.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Ultimamente chegaram 629 sacas: os preços cotados são nominaes.

Café 1.ª sorte 1$900 a 2$000 rs. Dito 2.ª dita 1$750 a 1$850 rs. Dito 3.ª dita 1$600 a 1$700 rs. Dito Escolha 1$000 a 1$100 rs. — Continuam as vendas para reexportar e para o consumo.

Cera d'Angola B 230 a 235 rs. Dita A 225 a 226 rs. — Effectuou-se vendas para embarque.

Marfim de lei 940 a 960 rs. Dito meão 820 a 840 rs. Dito escravelho 550 a 600 rs. — Houve vendas para reexportar.

Urzella 6$000 a 6$500 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Expediente.

Todos os collaboradores estrangeiros ou nacionaes são bem vindos.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

— Agradecemos ao director do jornal *El Amigo del Publico* a sua carta de 3 do corrente, e desde hoje lhe será remettida a Revista.

— O artigo do Sr. José Maria Teixeira será publicado, e é de grande utilidade.

— Recebemos os volumes 2.º e 3.º das Conferencias de Lacordaire.

— Recebemos a carta do Sr. Carlos da Silva Maya, e agradecemos a sua estimavel collaboração.

Erratum. — A pag. 483, col. 2.ª, lin. 61, onde se lê = *canaes* = deve ser = *camas*.